

## CUIDADORA POR VOCAÇÃO

Nascida em Castanhal (PA), Iranilda Gonçalves Sousa, a Nilda, tem 48 anos, é mãe de três filhos adultos, divorciada há oito anos e mora em Luziânia (GO). Em sua jornada de amor e cuidado, cria o neto de 15 anos e dedica-se à mãe de 72, cujo corpo guarda as marcas de um AVC, deixando o lado esquerdo inerte. Com determinação, começou a erguer uma construção — nos fundos da casa —, para que a mãe pudesse morar. Ela conta que conclui a morada pavimentando o caminho com pisos e preces.

A idade avançada da mãe é tingida pela sombra da enfermidade, tornando-a dependente de cuidados, como a preparação das refeições. A tarefa de cuidar recai sobre os ombros de Nilda, que lidera essa missão. Há cerca de dois anos, passou também a cuidar de Marilene Gagliardi na casa de repouso em que trabalha.

“A Marilene é como uma mãe, eu a amo muito. É como se fosse um presente que eu ganhei. Aprendi muito com ela, porque a Marina me ensinou mais. Pude ver o carinho que a Marina tem com a mãe dela e isso me motivou a cuidar da minha”, conta.

Nilda relembra que, outrora, sua mãe encontrava amparo em sua irmã, em São Paulo. Contudo, com a mudança para as redondezas do DF, um novo capítulo se desenhou em sua vida. Foi nesse contexto que ela cruzou o caminho de Marilene. O começo dessa conexão coincidiu com o início de Nilda em sua jornada de cuidados no âmbito do home care. Ela passou a dedicar seu tempo e carinho a Marilene, três vezes por semana. Um ano se passou, e assumiu a responsabilidade do cuidado integral. “Eu já tive outras ocupações, mas gosto mesmo é de cuidar.”

## O desafio da cura e do cuidado

No turbilhão de acontecimentos que marcaram a vida de Marina Gagliardi nos últimos anos, a única constante tem sido o amor inabalável por sua família. Aos 47 anos, sendo mãe das gêmeas de 16 anos, Julia e Juliana Gagliardi, ela se vê no epicentro de uma trama de desafios e renúncias.

Tudo começou em 2018, quando a mãe, Marilene Gagliardi — ex-bailarina e ex-publitéria —, foi diagnosticada com demência frontotemporal, uma condição que afeta o funcionamento cerebral e, conseqüentemente, a personalidade e o comportamento. Sua mãe e seu pai, Vinicius Gagliardi, viviam juntos em São Paulo, mas o destino tinha outros planos.

Nesse mesmo ano, um diagnóstico de câncer de pele de Vinicius abalou a família. Marina deixou o emprego de professora de alemão e voou para São Paulo para acompanhar o pai na cirurgia. Felizmente, ele se recuperou, mas isso foi apenas o início de uma jornada repleta de desafios.

Um ano depois, a pandemia da covid-19 chegou e, com ela, um lockdown que complicou ainda mais a vida de Marina. Marilene estava com a demência mais avançada, quando a filha recebeu a notícia de que seu pai havia sofrido um AVC. O desespero e a incerteza a levaram de volta a São Paulo. Vinicius passou por três hospitais, até que a dolorosa constatação da morte cerebral chegou.

Como filha única, enfrentou uma escolha que ninguém desejava. Enterrou o pai e voltou a Brasília com a mãe, que agora estava sob seus cuidados. Uma nova dinâmica familiar se formou, ao lado das filhas adolescentes, três cachorros, e a namorada, Martha Ribas, 37.

Marina decidiu adotar as filhas há 13 anos. A adoção foi tardia, pois as gêmeas já tinham quatro anos de idade, o que trouxe desafios significativos. Ela e o pai das meninas esperaram dez meses na fila de adoção, e, quando chegaram, tinham necessidades imediatas, como a escola. Marina teve que aprender a ser mãe rapidamente, especialmente porque não pôde contar com a mãe para orientação.

Agora, enfrenta a árdua tarefa de equilibrar o cuidado da mãe, que se encontra sob os cuidados de Iranilda Gonçalves Sousa, a Nilda — profissional que a acompanha em uma casa de repouso em Sobradinho —, e com os desafios financeiros que essa responsabilidade implica. “A internação também é

uma forma de cuidado. Antes, quando minha mãe morava no apartamento dela e necessitava de cuidados, eu tinha um gasto muito grande, inclusive com profissionais que iam cuidar dela. Com a internação, tive uma economia significativa, o que me permitiu dar um respiro e poder resolver melhor a logística da rotina dela e, conseqüentemente, a minha.”

Marina conta que, às vezes, a resposta é simples: “Não consigo fazer tudo perfeitamente do jeito que sonhei. Para encontrar equilíbrio, conto com minha rede de apoio, que inclui a Nilda, a casa de acolhimento, meu ex-marido, os avós paternos das minhas filhas, os tios e, acima de tudo, minha namorada, que me ajuda a ver o meu valor quando estou duvidando de mim mesma. Também preciso dos meus amigos e alunos para sustentar minha vida e renda”, completa.

### Sobre maternidade

A professora reconhece que se tornou uma mãe diferente da sua própria mãe. Ela valoriza sua identidade como mulher e ser humano, não apenas como mãe. Marina percebe que Marilene sempre foi uma mulher multifacetada, interessada em trabalhar, ser esposa, amiga, e nunca se encaixou nos estereótipos tradicionais da dona de casa da sua época. Hoje, passados 13 anos desde a adoção das gêmeas, percebe que se vê como sua mãe na época. E se orgulha disso. “Eu sou a mãe que se priorizou também, pois todos dependem de mim”, enfatiza.

Marina diz que hoje vive uma história de amor digna dos melhores filmes românticos. Após um casamento de 18 anos, tomou a decisão de se separar para viver essa paixão ao lado da companheira, Martha, há um ano. “Eu era hétero até me apaixonar por outra mulher, foi um sentimento avassalador, me descobri bissexual.” Hoje, ela mantém a amizade e uma boa relação com o ex-marido.

A professora destaca a importância de entender que não é possível alcançar a perfeição nos papéis como cuidadores, seja como filhas, mães, profissionais ou mulheres. “A sobrecarga é real e, muitas vezes, a demanda supera nossa capacidade. Precisamos lembrar de cuidar de nós mesmos, priorizar nossa própria saúde e bem-estar e também reconhecer o papel fundamental da rede de apoio que desempenha um papel essencial na vida de muitos cuidadores.”